

PAULA GOMES FREIRE SÓCIA DA VDA E FUTURA MANAGING PARTNER

“Há tecnologia que hoje já faz muito melhor do que nós humanos”

Paula Gomes Freire, advogada e sócia da VdA, sublinha que as novas tecnologias são também sinónimo de libertação de trabalho burocrático e repetitivo.

JOÃO MALTEZ

jmaltez@negocios.pt

Duarte Roriz



Escrita em inglês, a obra responde pelo título “Sustainable success, the future of technology, leadership and culture”. Paula Gomes Freire, sócia da firma de advocacia VdA, é a autora. Aquela que será, a partir de fevereiro, a managing partner da sua sociedade, debruça-se sobre um tema crítico para o trabalho que exerce: o futuro dos advogados e das organizações que

integram face à inteligência artificial e às novas tecnologias. É uma nova realidade que encara, disse ao Negócios, não como uma ameaça, mas como um veículo de novas oportunidades.

Que propósito esteve subjacente à publicação deste seu livro?

Perante o novo desafio que vou assumir, num contexto da passagem de testemunho da geração fundadora da VdA, pareceu-me im-

portante promover uma reflexão e auscultar várias vozes sobre um tema crítico para a nossa profissão, que é a questão da inteligência artificial e das novas tecnologias.

Que importância podem a inteligência artificial e as novas tecnologias ter no futuro da advocacia?

Muitas vezes olhamos para a tecnologia como uma ameaça, como algo que nos vem substituir

no que fazemos. Aquilo que sai do livro é uma ideia de oportunidade, porque com as novas tecnologias há novas oportunidades.

Novas oportunidades a que nível?

Desde logo, a inteligência artificial e as novas tecnologias dão-nos a capacidade de fazer mais e mais depressa, de podermos chegar a serviços e informação onde, de outra forma, com as nossas compe-

Liquidez puxa pelas fusões e aquisições



Muitas vezes olhamos para as novas tecnologias como uma ameaça, algo que nos vem substituir. [Mas] com as novas tecnologias há novas oportunidades.

As novas tecnologias dão-nos a capacidade de fazer mais e mais depressa.

tências meramente humanas, não chegaríamos.

No trabalho do advogado, em que se traduz hoje esse chegar mais longe?

Há uma certa libertação de algum trabalho muitas vezes burocrático e repetitivo. Em alguns domínios, há tecnologia que já hoje faz muito melhor e até com menor margem de erro do que nós humanos. Hoje em dia já temos

ferramentas na VdA que nos permitem fazer, por exemplo, alguma revisão documental.

Que tipo de trabalho?

Num determinado contexto tivemos de fazer a avaliação de uma carteira de imóveis para perceber se todos tinham ou não registo de hipoteca. Se as certidões do registo predial estiverem todas digitalizadas, como estão, há uma ferramenta que permite fazer essa leitura muito rapidamente, porque é uma questão de introduzir uma palavra-chave, como hipoteca ou registo de hipoteca, e produz um relatório que nos identifica logo qual é o prédio que pode não ter aquela referência.

Se essa tecnologia não existisse, quem faria esse trabalho?

Implicaria haver uma equipa tipicamente mais júnior a ler certidão de registo predial atrás de certidão, o que não é um trabalho propriamente empolgante. Isto faz com que possamos libertar-nos deste tipo de trabalho e elevar o tipo de aconselhamento que possamos dar, para nos focarmos naquilo em que nós, como seres humanos, acrescentamos muito valor.

Se vamos esvaziando tarefas, qual passa a ser o papel do advogado?

Não acho que esvazie, acho que muda. Acho que há esta capacidade de estabelecer uma relação de confiança, muitas vezes assente nesta avaliação crítica, na experiência, no saber a partir da experiência, e é muito importan-

te. Aí, pelo menos no horizonte mais próximo, não vamos ter de nos preocupar com a tecnologia.

A partir de fevereiro assume funções de managing partner da VdA. Que desafios terá pela frente?

Desde logo, continuar a afirmar a VdA como uma firma de referência, focada na promoção de uma cultura de inovação que nos tem caracterizado. Também pensar como é que desenvolvemos as nossas pessoas para terem as competências necessárias no novo futuro marcado pelas tecnologias. E ainda, pensar como vamos manter o nosso compromisso com a comunidade mais alargada e como é que nos tornamos um agente sério de um futuro mais sustentável.

Vai suceder a João Vieira de Almeida, o primeiro e até agora único managing partner da VdA. Que significado atribui a essa passagem de testemunho?

Este tipo de mudanças trazem sempre grandes desafios, mas esta foi, de facto, uma transição bastante preparada, bastante tranquila, muito numa linha de continuidade deste projeto. O João passará a assumir as funções de "senior partner", o equivalente às funções de chairman com algum poder executivo. Já a managing partner terá um papel essencialmente executivo, sendo responsável pela receita, pela orçamentação, pela retenção de talento, pelos aspetos que fazem uma organização funcionar e pelas necessidades dos clientes. ■

Na atual conjuntura pós-pandemia, que tipo de trabalho é expectável que os clientes vos peçam?

Neste momento há uma certa acumulação de liquidez. Há liquidez disponível, isso faz com que atividade de fusões e aquisições se torne mais efervescente. No próximo ano, antecipo que haverá algumas oportunidades nessa área, nomeadamente no turismo, no imobiliário ou nas infraestruturas. Onde houver oportunidades de investimento, o M&A terá uma palavra a dizer. Na banca, como sempre, também haverá trabalho.

A banca é uma das suas áreas de especialização. Em que medida pode o crédito em moratória penalizar este setor?

O volume de crédito em moratória ascenderá a cerca de 40 mil milhões de euros. Acho natural que alguma parte deste montante possa ter uma evolução desfavorável e que se transforme em crédito malpa-

rado, criando alguma pressão sobre os bancos.

Um setor que, há muito, tem estado pressionado. É isso?

O setor esteve, na última década, nomeadamente no pós-crise financeira, sob alguma pressão. A rentabilidade dos bancos tem estado sob pressão, essencialmente devido às taxas de juro muito baixas, mas também com os novos concorrentes e a digitalização, além de um quadro regulatório muito pesado. Tudo isto são forças que afetam a rentabilidade dos bancos, mas que resultaram também em alguma resiliência.

Os bancos estão hoje mais bem preparados?

Os bancos ficaram devidamente capitalizados e capazes de responder a situações de stress, como aquela que estamos a atravessar e em que as moratórias, mais uma vez, têm sido uma excelente panaceia.

O malparado que possa surgir das moratórias é acomodável?

Com os fatores de pressão antes referidos, uma situação pandémica e um volume de crédito em moratória que se pode materializar em malparado, parece-me, de facto, que é fácil concluir que há aqui um contexto em que a banca possa estar sob algum stress. Mas a banca está hoje muito mais bem preparada do que quando tivemos de lidar com a crise financeira. Isso é indiscutível. Agora haverá certamente pressão. ■



Os bancos ficaram devidamente capitalizados e capazes de responder a situações de stress, como aquela que estamos a atravessar.